

Nota do autor

Como autor deste livro, e como em muitas outras situações de autoria nesta e noutras áreas, decidi redigir uma nota sobre a obra e sobre aspectos que contextualizam o meu trabalho enquanto pintor, professor, crítico de arte. Sei que estou a abrir caminho para a leitura de um livro. Mas também sei que este livro não está isolado de uma obra multidisciplinar que passa pelas áreas aqui referidas, pelo cinema, pelo ensaio no campo das artes plásticas e da pedagogia relativa à educação visual.

Um breve perfil da minha actividade vem inscrito numa badana deste livro, mas será bom que esclareça ainda, em síntese, ter a realidade da obra plástica por mim desenvolvida um maior relevo e a sua mais clara orientação durante o tempo em que fiz parte do grupo da galeria JuditeDacruz. Embora outros críticos e jornalistas tivessem, nessa época, referido a minha obra, foi Rui Mário Gonçalves quem mais profundamente a abordou, em particular quando da apresentação dos *Posters*. Nesse texto foram relacionados com maior rigor e reflexão aspectos do meu trabalho sobre os fenómenos da percepção conjugados com as formas de representar no desenho e na pintura uma certa ordem das coisas. A ruptura que o olhar permitia num ver em mobilidade sensorial, em contraste com os processos conceptuais, conferindo ao artista espaços onde cada linha de significação aparecia e desaparecia, abriu assim espaço para *novas figurações* na memória clássica dos lugares, catástrofes e ruínas. Esta alma do discurso pictórico, passando pelos *Retratos in*

Os Fantasmas de Lisboa

(Dacruz) e *Os Personagens Ilustrados* (GM. Almada), integrou, por sua vez, a pintura propriamente dita numa *desfiguração* sempre nomeada como *Desastres Principais* (Gal. Valbom).

Através desta síntese da minha obra visual, posso agora iniciar a compreensão das *imagens* que fui produzindo na literatura a partir, sobretudo, dos anos 70. Da crítica de arte a um quase convulsiva produção literária, entre *Os Passos Encobertos, a Casa Revisitada*, até outros títulos como *A Culpa de Deus e Narrativas da Suprema Ausência*, surge entretanto este romance – *Os Fantasmas de Lisboa*. Se a guerra de Angola (tratada também em livro) me incitou a compreender as doutrinas do poder, da tragédia e dos desastres humanos, a presente obra, com algum sopro de ironia, lembra a experiência das Belas Artes, o arcaísmo do ensino artístico nos anos 60, as tertúlias do Chiado e a lenta contaminação da cidade por *colonos* indecifráveis. Sem a pretensão da análise ou da indicação de sinais contemporâneos pouco comuns, parece-me poder inserir o pintor nesta prosa, a relatar as mesmas duras provas do mundo. Felício, fantasma dele mesmo, narrativa dentro da narrativa, surrealiza o tempo e o espaço, fala de tudo o que desaparece e sonha com a propriedade dos restos. Aqui há também uma parábola, entre a ironia e a mágoa de quem perde o seu mais genuíno sonho (a *Cidade de São Francisco*) e a memória patrimonial de um país que reemergiu de 1755 para dar sinais de um futuro ameaçado. Uma narrativa por vezes na primeira pessoa, retrata alguém que já sofreu a morte do ser amado e perde entretanto o olhar de uma Lisboa dos anos 60, vista muito do Chiado. Há nisso um forte sentido de crise, que as personagens refletem, e também na mesclada população, talvez *mutante*, talvez *transfigurada* sem que as pessoas em geral se apercebam das metamorfoses em redor, alguns séculos da história entretanto submersa por *fantasmas* amáveis.